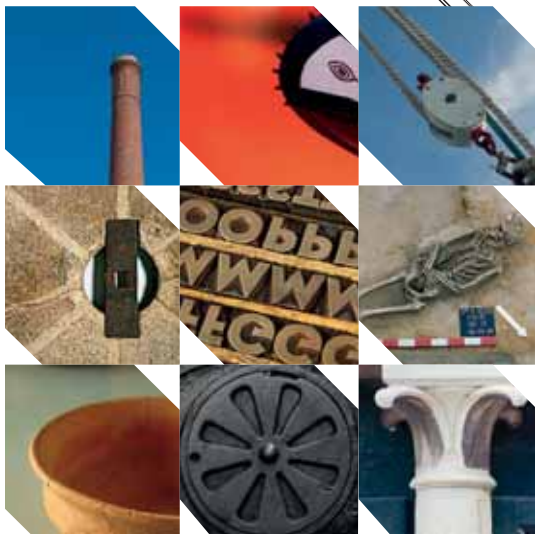




ECOMUSEU
MUNICIPAL
DO SEIXAL
MOINHO
DE MARE
DE CORROIOS



Edificado em 1403 por iniciativa do Condestável Nuno Álvares Pereira, canonizado em 2009 como São Nuno de Santa Maria, o Moinho de Maré de Corroios foi inicialmente dotado com 3 moendas, vindo a integrar o património do Convento de Santa Maria do Carmo de Lisboa. Os frades carmelitas promoveram a sua administração através da celebração de contratos que garantiam a respetiva exploração e conservação, sendo o moinho ampliado em época posterior, encontrando-se equipado com 8 engenhos de moagem em 1807.

Na sequência da extinção das ordens religiosas masculinas em 1834, os bens dos mosteiros foram incorporados na Fazenda Pública e vendidos a particulares. Assim sucedeu com este moinho, então adquirido por João Luís Lourenço, importante proprietário local, permanecendo na posse dos seus descendentes ao longo de várias gerações. No entanto, a atividade produtiva foi assegurada pela família Gomes, que viria a desempenhar um papel de relevo na industrialização do sector moageiro em Portugal. De facto, em 1865, Manuel José Gomes, responsável pela exploração de diversos moinhos de maré no Seixal, entre os quais o de Corroios, fundou a empresa Moinhos Reunidos, que esteve na origem da firma Viúva de Manuel José Gomes & Filhos, proprietária da fábrica de moagem do Caramujo, localizada na Cova da Piedade.

Posteriormente, entre 1907 e 1930, Manuel Joaquim de Oliveira, industrial estabelecido no Seixal, assumiu a exploração do moinho, tendo efetuado algumas obras de ampliação do edifício. Além da moagem de cereais, promoveu o descasque de arroz, adaptando um dos casais de mós do moinho de Corroios a essa função.

O advento das moagens industriais conduziu ao declínio dos sistemas tradicionais de moagem e ao consequente abandono de alguns deles, o que não se veio a verificar em Corroios graças à família Almeida, que manteve o moinho em laboração até à musealização do edifício por iniciativa da Câmara Municipal do Seixal, em 1986, passando a integrar o Ecomuseu Municipal do Seixal.

A sua importância patrimonial foi reconhecida pelo Decreto do Governo n.º 29/84 de 25 de junho, que lhe atribuiu, bem como aos demais moinhos de maré existentes no concelho do Seixal, o valor de Imóvel de Interesse Público.

O Condestável Nuno Álvares Pereira.
Retrato de São Nuno de Santa Maria
Reprodução de retrato a óleo sobre tela do século XVI de autor desconhecido (dimensão: 60x43 cm)
© Imagem cedida por Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT).



O Moinho de Maré de Corroios constitui um exemplo do aproveitamento da energia das marés e da sua aplicação à atividade moageira, a qual se generalizou noutros tempos no estuário do Tejo.

Vista aérea do moinho e respetiva integração no sapal de Corroios

O FUNCIONAMENTO DO MOINHO

Um moinho de maré é constituído pelo edifício em que se encontram instalados os engenhos de moagem, pela caldeira onde a água da maré fica represada, pelo dique que a delimita e pela comporta, que assegura o abastecimento da caldeira durante a enchente da maré.

1. Durante a subida da maré, a água abre automaticamente a comporta existente junto ao edifício e acumula-se na caldeira.

2. A força da vazante fecha a comporta, garantindo a manutenção da água na caldeira do moinho durante a baixa-mar.

3. No pico da baixa-mar, estão reunidas as condições para dar início ao processo de moagem: o moleiro procede à abertura dos pejadouros, permitindo que a água acumulada na caldeira circule através de um ou de vários canais existentes no embasamento do moinho, sendo libertada sob pressão sobre as rodas hidráulicas, colocando-as em funcionamento.

4. O movimento destas é transmitido às mós através de um sistema de engrenagens, iniciando-se o processo de moagem, processo passível de ocorrer duas vezes por dia, correspondendo aos dois ciclos diários da maré.



O funcionamento do moinho (ilustração científica de Xavier Pita)



Tarefa executada pelo moleiro

O TRABALHO DO MOLEIRO

O trabalho do moleiro era cadenciado pelas marés, cuja ocorrência era variável, pelo que era frequentemente necessário trabalhar a horas pouco comuns, quer durante o dia, quer pela noite dentro.

Ao moleiro competia receber o cereal, efetuar a respetiva pesagem e limpá-lo de todas as impurezas antes de proceder à moagem. Durante o processo de moagem propriamente dito, competia-lhe abastecer o tegão de onde o cereal caía sobre o olho da mó, bem como proceder à afinação do tipo de moagem pretendida, regulando a distância entre as mós. Após a moagem, havia que ensacar a farinha e entregá-la ao proprietário correspondente, retirando para si a maquia relativa ao pagamento do seu trabalho.

A manutenção do moinho e a picagem das mós eram também atividades normais no seu quotidiano.

Ferramentas de trabalho utilizadas pelo moleiro



Medidas de cereal utilizadas pelo moleiro



OS MOINHOS DE MARÉ NO ESTUÁRIO DO TEJO

Entre os séculos XIII e XVIII, foram construídos no estuário do Tejo pelo menos 45 moinhos de maré, o que representa uma das maiores concentrações conhecidas a nível mundial.

Na área correspondente ao atual concelho do Seixal, implantaram-se entre os séculos XV e XVIII pelo menos 13 moinhos de maré, os quais desempenharam um papel importante na produção de farinhas, quer para o abastecimento local e da cidade de Lisboa, quer para garantir a produção de biscoito de embarque destinado ao provimento das armadas portuguesas e das praças fundadas por Portugal no Norte de África. Alguns deles funcionaram em articulação com os Fornos da Porta da Cruz, em Lisboa, e com os Estabelecimentos Reais de Vale do Zebro, no vizinho concelho do Barreiro, onde se concentrou a produção de biscoito.



O Moinho de Maré da Palmeira no final do século XIX. Fotografia de Jorge Almeida Lima reproduzida a partir de cópia existente no Ecomuseu Municipal do Seixal.



Flamingo / Garça-real (Ilustrações científicas de Xavier Pita)



SAPAL DE CORROIOS

O sapal de Corroios, na envolvente do moinho, constitui a mais importante zona húmida do concelho do Seixal, integrando a Reserva Ecológica Nacional e destacando-se pela sua biodiversidade, em especial de espécies ornitológicas. Entre estas, destacam-se os flamingos, pernilongos, garças-reais ou garças-brancas, alfaiates, patos-reais ou ainda os maçaricos-de-bico-direito.